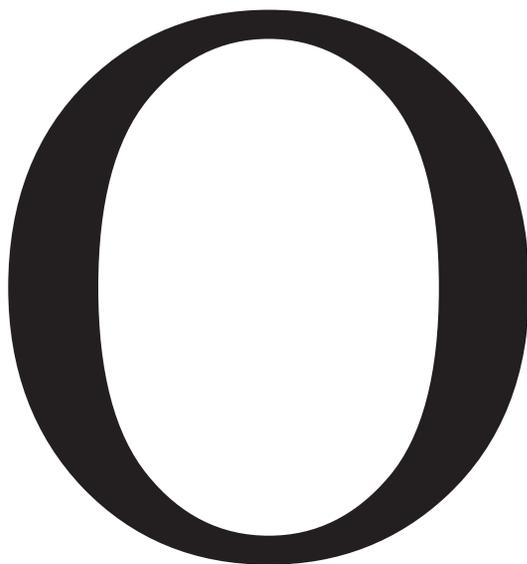


Do cárcere privado à passarela da moda: a mulher e o racismo na imprensa da *belle époque* carioca

Gutenberg Medeiros



pensador russo Mikhail Bakhtin sustentava que todo e qualquer discurso é formado especialmente não apenas do que é dito, mas do que é pressuposto. Seja entre falantes ou instâncias sociais várias, estabelece-se um (con)trato social de que determinados sentidos são de domínio de todas as partes envolvidas. Ou seja, o silêncio é eloquente. Talvez um dos espaços ou arenas de vozes onde mais a pressuposição está presente seja o da imprensa. Há mais de cinco anos, é quase diária a menção do termo “mensalão” sem a necessidade de retrancas explicativas de a que se refere. Ler criticamente jornal é tradução e/ou atribuição de sentidos, e essa postura é complexa quanto mais o tempo passa, quando se faz necessário uma espécie de arqueologia de sentidos para se apreender as possibilidades polissêmicas envolvidas.

Este texto foi elaborado a partir de comunicação proferida no VII Simpósio de História Cultural, Universidade de São Paulo, 14 de novembro de 2014.

GUTENBERG MEDEIROS é jornalista e pesquisador nos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (ECA-USP) e Imagem e Subjetividade (Ceca-UEL).

Este artigo expõe elementos dessa arqueologia de sentidos ao abordar especificamente momentos capitais de como é o lugar da mulher e do racismo na construção da memória social brasileira – especialmente o que é silenciado em pressuposição – presente nos primeiros anos da República brasileira. Tais aspectos estão principalmente em dois objetos midiáticos representativos em órgãos da grande imprensa da então capital da República: o jornal diário *Gazeta de Notícias* (1910) e a revista *Leitura para Todos: Magazine Mensal Ilustrado* (1907). Para a leitura e decodificação desses textos jornalísticos que expressam determinado paradigma de modernidade implantado no país da época, temos como baliza teórica o que é compreendido como semiosfera¹ pelo pensador russo Iuri Lotman.

ESSE TROPEL DE POVO DESREGRADO

Para ter clara a noção dos textos verbais e não verbais pressupostos nesses dois objetos midiáticos, é necessário uma visão do momento histórico e dos valores ou sentidos em jogo. A modernidade aporta no Brasil na primeira década do século passado a partir de coincidência histórica entre duas principais semiosferas: a imprensa e a reforma urbanística. A concepção de metrópole moderna é a de Paris do século XIX.

Ao longo do século XIX, o Rio de Janeiro é visto e comparado a uma cidade árabe, com seu comércio barulhento e intenso, suas casas baixas e ruas “atravancadas e sujas, destituídas de simetria, ou então a uma cidade africana, devido à multidão de negros que por ela circulavam, movimentando todas as engrenagens do universo do trabalho urbano” (Benchimol, 1990, p. 27).

Uma característica foi a tradição dos negros de ganho. Os escravos ficavam o dia todo nas ruas oferecendo seus serviços a terceiros, desde mão de obra até vendedores de vários produtos, como comidas, vassouras, cestos e outros. À noite, voltavam às casas de seus senhores, a quem entregavam boa parte da renda, e o restante era guardado para comprar a própria carta de alforria. Uma parte significativa da população livre não trabalhava. O exército trabalhador que habitava as ruas era composto por latoeiros, carpinteiros, pedreiros, calceteiros, impressores, pintores de tabuleta, ornamentação, construtores

1 “Semiosfera” é um conceito elaborado por Lotman em artigo publicado em 1984 para expressar um determinado espaço semiótico e a relação espaçotemporal entre diversos textos ou sistemas sógnicos que o compõem. A semiosfera é um *continuum* semiótico de textos ou objetos ou formações de vários tipos e níveis de organização (Lotman, 1996, pp. 22 e segs.). Como conjunto de diferentes textos e linguagens, fechados uns em relação aos outros, esse espaço semiótico pode ser considerado como um mecanismo único.

Reprodução



No centro se vê a atual Cinelândia; à esquerda, a Avenida Central, já estabelecida

de móveis, carruagens e lampiões, artífices em prata, joalheiros e litógrafos.

O Rio de Janeiro venceu as décadas do século XIX como uma área de prosperidade econômica, chegando à década de 1870, no apogeu do Segundo Reinado, como a cabeça política do país e grande empório comercial e financeiro. O processo de crescente urbanização da cidade foi em grande parte alavancado pelo crescimento do transporte público. Entre o fim do tráfego negreiro (1830) e os anos 70, houve a mudança rápida da mão de obra escrava passando à livre assalariada. Crescia a concentração dessa população nos limites do centro velho, ali trabalhando e morando, seguindo os mesmos moldes da casa grande e senzala: esses negros quase negros quase brancos pobres ali trabalhavam e residiam. Aproveitando-se dessa mão de obra abundante, houve verdadeira explosão de oficinas e pequenas manufaturas com o aumento de cortiços, casas de cômodos, estalagens e hospedarias.

Desde 1850, surgiram várias propostas de remodelação do Rio de Janeiro, especialmente a partir de recomendações de médicos higienistas no combate às sucessivas epidemias como cólera e febre amarela. Iniciaram-se os primeiros rudimentos do que no século XX se estabeleceu como urbanismo.

Crescia a tendência de certos círculos médicos e de classe dominante debaterem no sentido de erradicar a desenfreada explosão habitacional do centro da cidade, tanto em número de pessoas quanto de habitações impróprias. Tomam corpo propostas de desafogar a região, adotar normas de construção de casas higiênicas, alargamento e abertura de ruas e praças, arborização, instalação de rede de esgoto e de água, manutenção de asseio em mercados e matadouros, criação de lugares próprios para despejo de lixo, entre outras providências.

A europeização republicana tornou-se uma das marcas mais importantes da semiosfera da modernidade no Brasil, especialmente no coração do poder. Acredita-se que, criando-se um cenário “civilizado”, também vai se importar o surto desenvolvimentista dos grandes centros industriais. O traçado das cidades se modifica intensamente.

Rodrigues Alves ascende à presidência da República e forma uma gestão ditatorial. Em 1902, o presidente nomeia o engenheiro Francisco Pereira Passos como prefeito da capital federal. Uma das metas de Passos é reformular a cidade para que seja orgulho para o país e não vitrine de epidemias. Aqui, destacamos como a proposta de metrópole expressa os conflitos de classes sociais na forma de

Reprodução



Outra panorâmica da Avenida Central tomada por imóveis públicos e privados como a nova zona nobre da capital federal

utilizar e ocupar o espaço urbano. Essa é uma marca da modernidade, herdada da Paris de Haussman.

O programa urbanístico de Haussman foi realizado também sob condições políticas similares às do Rio de Janeiro, em governo ditatorial, reagindo amplamente contra as revoltas de 1848, mais conhecidas como Comuna de Paris. A brasileira ocorreu com a República tendo à frente governantes militares – inaugurando uma tradição de autoritarismo que perpassa o século XX. O centro de Paris também era composto de ruelas, muitas nada retas, que ofereceram campo de batalha ideal para as barricadas dos trabalhadores durante a Comuna. O plano de Haussman de rasgar a cidade com amplas e retas avenidas visava evitar o ambiente anterior propício a motins e outras formas de revoltas populares.

Os bulevares contemplam novas exigências de circulação urbana demandadas pelo desenvolvimento da grande indústria. Nova ordem urbanística nascia e se tornava modelo para todo o mundo:

“Transformados num grande paradigma urbanístico para todas as capitais do mundo, no símbolo maior de seu ingresso na civilização e na moder-

nidade capitalista (as amplas cidades espanholas, as *perspektiv* de Leningrado, as *avenues* de Nova York), os bulevares de Paris datavam do século XVII, quando foram abertos no lugar das antigas fortificações, como monumentos arquitetônicos destinados a satisfazer o olhar do *promeneur*. Hausmann deu-lhes o caráter de grandes artérias, para atender ao tráfego pesado e articular os principais terminais de articulação da força de trabalho e das mercadorias no centro comercial” (Benchiol, 1990, p. 493).

Tal movimento de metropolitização não foi exclusivo do Rio de Janeiro na América Latina, tal semiosfera europeia tomava todos os seus países desde 1880. A vertigem do progresso – palavra-chave da modernidade, como apontou o historiador argentino José Luis Romero – atingiu as cidades onde se viu prosperidade econômica e transformações urbanísticas, entre elas as capitais que eram portos: Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos Aires, Panamá, Havana e San Juan de Porto Rico. Cidades em contato com o exterior, cuja intensa atividade econômica se desenvolvia em paralelo às sedes políticas e administrativas,



Cerca de 1907, a Avenida Central concluída em panorâmica de Marc Ferraz

também se caracterizam como centro financeiro de seus respectivos países.

“El ejemplo del barón de Haussman y de su impulso demoleedor alimentó la decisión de las nuevas burguesías que querían borrar con su pasado, y algunas ciudades comenzaron a transformar su fisonomía: una suntuosa avenida, un parque, un paseo de carruajes, un lujoso teatro, una arquitectura moderna, revelaron esa decisión aun cuando lograran siempre desvanecer el fantasma de la vieja ciudad. Pero las burguesías podían alimentar sus ilusiones encerrándose en los ambientes sofisticados de un club hermético o un restaurant de lujo. Allí se participaban los pasos que transmutarían a ‘la gran aldea’ en una moderna metrópoli” (Romero, 1976, p. 249).

Mas não se queria apenas esquecer a velha cidade, meramente como um traçado urbanístico. O que se excluía era o passado colonial em nome do estabelecimento das formas da vida moderna. Esse padrão seguia ainda um modelo arquitetônico específico.

“El audaz principio de la modernización de las ciudades fue la ruptura del casco antiguo, tanto para ensanchar sus calles como para establecer fáciles comunicaciones con las nuevas áreas edificadas. Pero dentro de ese esquema se introducía una vocación barroca – un barroco burgués – que se manifestaba en la preferencia por los edificios públicos monumentales con una amplia perspectiva, por los monumentos emplazados en lugares destacados y también por una edificación privada suntuosa y de aire señorial. Extensos parques, grandes avenidas, servicios públicos modernos y eficaces debían ‘asombrar al viajero’, según una reiterada frase de comienzos del siglo XX” (Romero, 1976, p. 249).

A aparência suntuosa e monumental não é apenas para surpreender o viajante, mas delimita claramente, pela linguagem não verbal da arquitetura, a quem se presta semelhante conjunto de prédios que tomam o coração das metrópoles latino-americanas: os segmentos de classe dominante. Expulsam os pobres que antes lá moravam para os subúrbios, para evitar que eles circulem por esse cenário. Entre outros momentos de sua vasta pro-

dução, Lima Barreto² deixou registrado em crônica que não tinha roupa para frequentar a nova sede da Biblioteca Nacional inaugurada em 1911, exemplo desse tipo de palacete formado de mármore e cristais. Trinta anos depois, o fundador do curso de Russo da USP, Boris Schnaiderman, passou por problema semelhante ao ser barrado na porta do palacete por não estar vestindo paletó³.

O modelo de exclusão social brasileiro não foi completamente devido ao parisiense, mas constitutivo de tradições brasileiras. Esse aspecto nos ajuda a compreender o bota-abaixo carioca como modelo de país que se instaurou a partir de 1889. Não apenas as decisões são de cima para baixo, mas toda uma ordem se estabelece a ponto de eleger a Avenida Central, maior símbolo dessa metropolização, a passarela dos brancos da classe dominante ou letrados.

Exemplo claro disso está em um dos seus maiores entusiastas, Olavo Bilac⁴, ao ficar indignado quando viu o povo invadir a nova avenida na religiosa Festa da Penha, conforme crônica publicada na revista *Kosmos* (1908). O jornalista afirma que há “tradições grosseiras, irritantes, bestiais, que devem ser impiedosa e inexoravelmente demolidas, porque envergonham a Civilização” (in Dimas, 2006, p. 371). Atesta-se a ligação direta entre civilização e modernidade como pressuposto categórico. Como feito com os antigos casarios, certas manifestações devem ser “demolidas”:

“[...] a ignóbil Festa da Penha, que todos os anos, neste mês de outubro, reproduz no Rio de Janeiro, as cenas mais tristes das velhas saturnais romanas, transbordamentos tumultuosos e alucinados dos instintos da *gentalha*. [...] a festa foi tão brutal, tão

2 Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi jornalista e escritor, tendo atuado nos principais veículos cariocas como *Fon-Fon*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta da Tarde*, *ABC*, *Careta*, *O País* e outros. Entre as suas principais obras estão *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, além de coletâneas de crônicas e contos.

3 Conforme Schaidermann contou em entrevista ao autor, em 2014.

4 Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) foi jornalista, poeta, prosador e professor. Membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, colaborou com os periódicos *Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias*, *O Combate*, *A Cigarra*, *Kosmos* e outros. A sua poesia foi um dos ápices da fase parnasiana.

desordenada, assinalada por tantas vergonhas e por tantos crimes, que *não parecia folguedo da idade moderna, no seio de uma cidade civilizada*” (in Dimas, 2006, p. 370 – grifos nossos).

Bilac (in Dimas, 2006, p. 370) descreve o que viu ao elegante leitor, pois *Kosmos* é uma das revistas mais refinadas no cenário da imprensa:

“É que esses carros e carroções, enfeitados com colchas de chita, puxados por muares ajazados de festões, cheios de gente ébria e vociferante, passeando pela cidade a sua escandalosa bruega; esses bandos de romeiros cambaleantes, com o chapéu esmagado ao peso das moscas, o peito cheio de medalhas de papel, e beijando a efígie da Nossa Senhora da Penha com os beijos besuntados de zurrapa; esse alarido, esse tropel de povo desregrado; todo esse espetáculo de desvairada e bruta desordem ainda se podia compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje,

o espetáculo choca e revolta como um disparate... Num dos últimos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: naquele amplo *Boulevard* esplêndido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilam [...] me deu a impressão de um monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbárie – era a cidade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada [...] acabada a festa, a multidão desvairada transborda, como uma enxurrada vitoriosa para o centro da *urbs* – as navalhas, os cacetes, e os revólveres, que não acharam exercício lá em cima, vêm exercitar-se cá embaixo [...]”.

A metropolização do Rio de Janeiro em relação a Paris tem seu efeito original de higienização classista ao exterminar o pobre desse novo cenário. Mas Haussman no Brasil é mais embaixo, com o agravante do racismo. Não são apenas pobres, mas mulatos e negros que são exilados em diáspora do



PUDOR... FORA DE HORAS.

—Uma senhora, pela manhã, ao banho de mar.

A mesma, à tarde na Avenida.
Fon-Fon! (27-1-1912.)

Raul Gomes ironiza a moda nos polos opostos e novos: banhos à beira-mar e passeios na Avenida Central com respectivos trajés

centro velho. Mais de um terço da população se refugia nos morros – originando o fenômeno das favelas – ou a alta periferia.

FIM DO CÁRCERE PRIVADO

O espaço público era vedado às mulheres brancas, que viviam confinadas ao espaço privado. Só poderiam ter às ruas acompanhadas de um homem – pai, irmão ou marido. Entre as matérias jornalísticas geradas após a inauguração da Avenida Central, localizamos como exemplar a publicada pela *Leitura Para Todos: Magazine Mensal Ilustrado*, na ascendente modalidade de revistas ilustradas que surgiram no início do século XX na publicação de fotografias, ilustrações e charges.

Essa é a matéria principal do referido exemplar, intitulada “Através da Avenida”, não assinada, com 11 páginas. O periódico visava a ser leitura para toda a família carioca. Todas as páginas contam com fotografia, constituindo mais da metade

do material gerado em relação ao texto verbal. A primeira página é ilustrada com a calçada da Confeitaria Castellões, às 17 horas, um dos principais pontos de encontro da Avenida Central. As cenas mais presentes são de passeios na avenida, destacando senhoras e cavalheiros a desfilar em finas vestimentas da última moda conhecida diretamente de Paris (páginas 2, 3, 4, 6, 7, 9 e 10). Dos 22 clichês publicados, 12 são dedicados a esse tipo de enquadramento. A reportagem fotográfica imprime o espírito do logradouro como passarela dos segmentos de classe dominante ou incluídos na nova ordem econômica de viés europeu e norte-americano. O texto verbal da matéria não é diferente (Medeiros, 2009).

O primeiro parágrafo da matéria, que funciona como um “olho” – com formatação diferenciada em relação ao resto do texto em itálico e em apenas uma coluna em relação às duas do resto da reportagem –, informa que a Avenida Central é “uma das mais bellas que se conhecem nas cida-



A revista *Leitura Para Todos* proclamou a nova Avenida Central como o lugar privilegiado para o passeio das elites cariocas



Variações sobre o mesmo tema na grande imprensa. Senhoras expõem o que era considerado a moda francesa da época

des modernas”. Os dois quilômetros de avenida, toda edificada, encantam pela “variedade de aspectos que oferece e pela sucessão de cenários”. Dessa maneira, emerge outra marca da modernidade estabelecida na diversidade de características ao demonstrar esse logradouro como se fosse um grande teatro com vários palcos e cenografias próprias. A Avenida Central é para ser vista, admirada e desejada.

O primeiro parágrafo da matéria também já estabelece a avenida como a “formula simbólica” que exprime as grandes transformações e “melhoramentos materiais” da urbe. No parágrafo seguinte, lança-se a pergunta: “Com que intuito se fez tal obra?”. E responde: como via ampla de acesso à reformulação e ampliação do novo porto. Assume-se que a grande avenida foi necessária para pôr abaixo a cidade velha, feita de “ruas estreitas, beccos e viellas”, e se somam alusões ao programa de saneamento do governo, “elemento da salubridade, trazendo ar fresco e luz para o centro dos velhos quarteirões, apinhados e malsãos” – nos permitindo constatar o discurso da assepsia urbanística. Em nada importam as críticas recebidas, pois “Tudo isto é humano, tudo isto é necessário ao progresso”.

Um dos principais momentos da matéria surge na terceira página, quando se afirma que o governo não pensou nisso, mas aconteceram transformações de forma rápida e radical nos “costumes fluminenses”. Destaca-se que nada parecido teria acontecido anteriormente, mudando não apenas o “aspecto physico” da sociedade, mas atingindo principalmente “a sua physionomia moral” (“Através da Avenida”, 1907, p. 3). A partir dessa afirmação, a matéria entra em extensa digressão sobre a adaptabilidade do homem à natureza, quando não a transforma conforme os seus interesses. A imediata adaptação do carioca à nova realidade seria “a melhor prova que se pode tirar da nossa capacidade de progresso, porque o progresso não é mais que uma série de adaptações sucessivas. Quanto mais adaptável, mais progressista é um povo” (p. 6).

Os cafés transbordam para as calçadas, e “os desocupados resolveram passear, e o centro da cidade tornou-se de um nunca visto movimento de gentes chics” (p. 6). É interessante observar a ligação entre os desocupados e os “chics”, pois nos lembra a parte substancial dos brancos do Rio de Janeiro que não trabalhava para seu sustento du-

rante a monarquia, sendo mantida pelos “negros de ganho”. O texto afirma que a necessidade de mudança deu-se exclusivamente pela explosão populacional: “Depois, esse número cresceu, cresceu vertiginosamente” (p. 7). Relembramos que o termo “vertigem” faz parte do texto da modernidade. Basta recordarmos Olavo Bilac, citado anteriormente, ou o título de uma coletânea de crônicas de João do Rio, *Vida Vertiginosa* (1911).

Entre várias passagens, verificamos como o teor da informação realmente emergiu no jornalismo moderno. Por exemplo, argumenta-se que o “Rio de Janeiro de um milhão de habitantes tinha o mesmo local de *rendez-vous* que o Rio de Janeiro de 300.00 mil [sic] habitantes – a Rua do Ouvidor” (p. 7). Depreende-se que os trabalhadores voltavam rapidamente para casa ou os que nela estavam não saíam por absoluta falta de opção de lazer. Após a abertura da Avenida Central e o alargamento das ruas Uruguayana, Sete de Setembro, Assembléa, Carioca, S. Joaquim, há o fluxo da “massa de gente” que não comportaria a Rua do Ouvidor. E se intensifica ainda mais essa mudança de paradigma a partir do urbanismo: “E mais impossível [destaque no texto] parece: que toda a vida mundana da rua, toda a vida intellectual, pública, elegante, tivesse o seu centro exclusivo na rua do Ouvidor!” (p. 9).

Entre outras formas para desqualificar a antiga rua, expõe-se como a mulher começa a ocupar o espaço público, importante quesito de comportamento contemporâneo:

“Deram-lhe ar, luz, elegância, e a possibilidade de uma vida realmente urbana. As senhoras já pódem sahir e vagar pelo centro da cidade, sem o desgosto de atravessar a via-sacra da rua do Ouvidor, roçando, de um extremo ao outro, pelos braços e pelas pernas dos malcriados e bolinas que, com esse intuito, alli se apinhavam; os homens que desejavam ver o mundo, e têm prazer de contemplar de perto a actividade e a novidade, já pódem estar na rua sem a necessidade de se converterem em estafermos, parados pelas portas” (p. 9).

Segundo a matéria, o novo traçado urbanístico provocou uma assepsia moral para que a mulher pudesse transitar pelo espaço público com segurança similar à do espaço privado. Consideramos esse momento como o ápice da matéria por dia-

logar diretamente com o texto não verbal, pois os instantâneos expressam senhoras com finas *toilettes* a passear pelo novo centro da capital. Outro ícone da modernidade é agregado ao espaço urbano remodelado por completo: o automóvel. Ou seja, a possibilidade de rápido deslocamento no espaço urbano: “Estar na cidade, jantar em casa, refazer a toilette, voltar à cidade...” (p. 9).

Esse “nós” sobre o qual é construída a matéria são os segmentos da sociedade mais privilegiados – no mínimo, a partir de classe média. O seu ápice incide na questão feminina, apesar de se dirigir e ser de interesse da família como um todo. Compreende-se que a verdadeira “pauta” é como a mulher pode sair às ruas e assumir um lugar no espaço público.

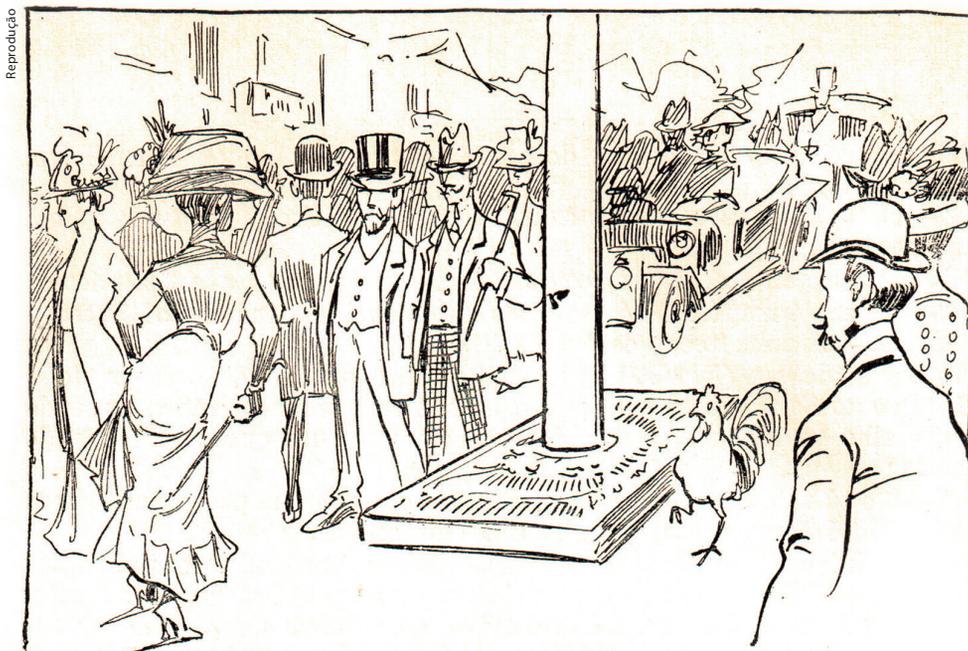
INSTANTÂNEOS PERENES

Até onde minha pesquisa avançou, talvez a primeira fotorreportagem totalmente não verbal publicada na imprensa brasileira seja a intitulada “Instantaneos da Avenida” na capa da *Gazeta de Notícias* de 13 de março de 1910. José Veríssimo⁵ aponta que o lançamento da *Gazeta de Notícias*

inaugurou no Brasil “o jornal barato, popular, livre de compromissos partidários ou similares, e também o jornal fácil de fazer, sem systema na distribuição de materia, á portuguesa” (Veríssimo, 1907, p. 41). Na mesma época, foram fundados outros veículos dedicados a “pequenas notícias”, de venda avulsa e baratos, mas sem o mesmo êxito. Até os a década de 1930, manteve-se como um dos principais jornais da capital da República. Salvaguardando-se as devidas proporções, era equivalente ao *Valor Econômico* de hoje, especialmente dedicado a economia e negócios.

Esse jornal diário foi o primeiro a instaurar as bases do moderno jornalismo norte-americano e francês do século XIX no país. A sua primeira particularidade foi a alta tiragem para diminuir cada vez mais o preço por unidade e alcançar os bolsos dos mais diversos portes. Essa primeira característica fundamental é fortemente baseada no que-

5 José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) foi jornalista, professor, educador, crítico, historiador literário e fundador da cadeira nº 18 da Academia Brasileira de Letras. Com Araripe Júnior e Sílvio Romero, Veríssimo dividiu o posto de maior expoente na crítica literária chamada de naturalista.



O NOVO FLAGELO
Incautos, em passeio na Avenida e...

Acima e na página seguinte: J. Carlos não perde a oportunidade de olhar com humor a síndrome do passeio na Avenida Central

sito tecnologia – em altos investimentos de gráfica também – para tirar impressões em quatro cores de ilustrações e, a partir de 1900, de fotografias jornalísticas. A ponto de o próprio jornal divulgar o mesmo valor tanto à reportagem de campo informativa (texto verbal) quanto às ilustrações várias (não verbal). Essa gazeta também introduziu a reportagem na imprensa nacional, trazida por João do Rio nos moldes do espaço midiático francês⁶.

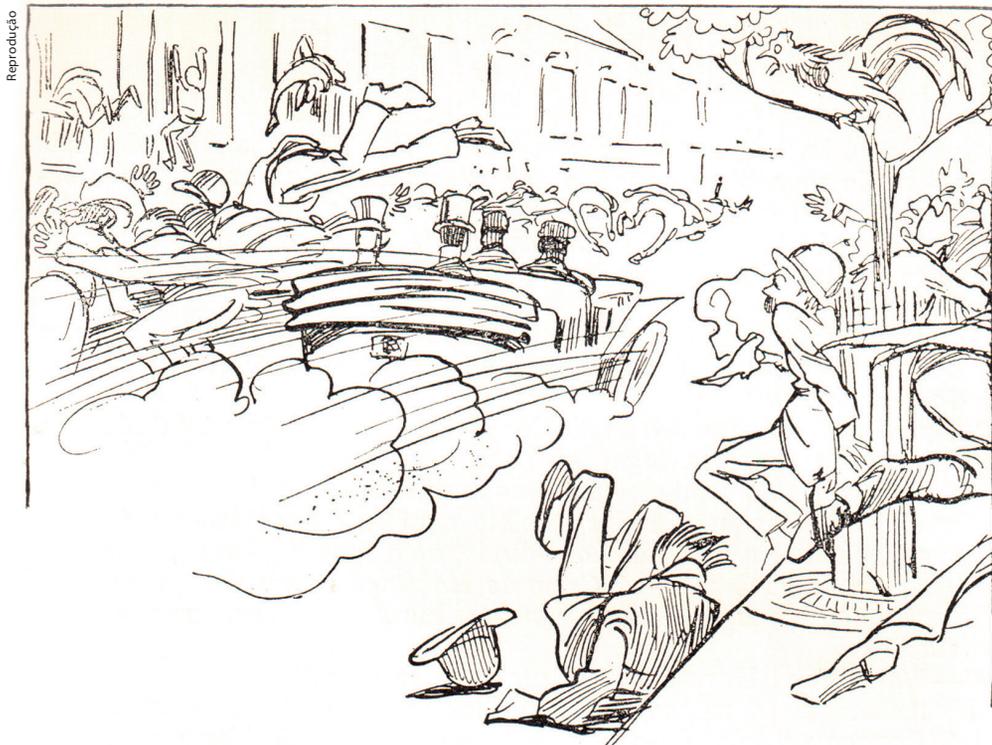
Lembro a minha impressão quando vi pela primeira vez as nove fotografias em pleno coração da primeira página desse jornal. Busquei qualquer relação com o seu entorno verbal, além do título. Nada. Boa parte da página é emoldurada por uma crônica de João do Rio em mais um exemplo de recorrente metajornalismo na época. Com a explosão do novo modo de compor o espaço midiático, realmente inovador e até traumático, estabeleceu-se um amplo debate de jornalistas e escritores sobre essa nova

realidade nas duas primeiras décadas do século. E não apenas nas páginas de jornal diário ou revista, mas se espalhou até em contos, romances e peças de teatro⁷. Abaixo das fotografias, um soneto de Osório Dutra também sem relação com elas.

As fotos formam um todo em si. Para decodificá-las, é necessário observar certos aspectos. Essa capa, para a *Gazeta de Notícias*, é fora dos seus padrões usuais por ser de uma edição de domingo. Geralmente, as capas são dedicadas a temas relacionados ao comércio e indústria, dado ser um veículo mais voltado a esses setores. De segunda-feira a sábado provavelmente era um jornal a ser lido fora do espaço privado, nos locais de trabalho. Domingo, dia tradicional de descanso, o jornal ocupa o espaço privado. Ou seja, de possível leitura

6 João do Rio foi o pseudônimo mais conhecido de Paulo Barreto (João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, 1881-1921). Foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo. Entre as suas primeiras reportagens temáticas destacam-se *As Religiões do Rio*, *A Alma Encantadora das Ruas* e *Momento Literário*.

7 Nesse caso, trata-se da crônica "Esplendor e Miséria do Jornalismo", em alusão ao clássico *Esplendor e Miséria das Cortesãs*, de Honoré de Balzac. Em sua vasta produção, talvez João do Rio tenha sido um dos mais intensos nesse debate do metajornalismo, chegando até a problematizar a extrema qualificação do novo profissional de imprensa, o repórter, miseravelmente pago por seu ofício cotidiano – isso em texto na própria *Gazeta de Notícias*. Outro exemplo dos mais eloquentes fica para *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto.



...a aparição do espectro, ou mais vulgarmente, a passagem de um automóvel oficial.
K. Lixto. *Fon-Fon!* (6-11-1909).

não apenas para o homem, o chefe de família, mas para a esposa também. O lugar onde esse objeto se insere o delimita. Ante o que foi levantado de elementos da época até aqui, concluímos que essa capa foi provavelmente pensada para a esposa do leitor padrão desse jornal. Todas as fotos expressam o que era muito comum na época, a exemplo da matéria de *Para Todos*, em variações sobre o mesmo tema: damas em passeio pela Avenida Central, como alude o título.

O paralelismo entre ambos os objetos midiáticos salta aos olhos no sentido de que, na narrativa imagética da *Gazeta*, todas as mulheres são enquadradas sem companhia masculina. Há o pressuposto de que essa é a passarela onde elas podem ser vistas com as suas *toilettes* parisienses. São textos verbais e não verbais da época que se entrecruzam aos olhos da leitora, bombardeada dessa significação da Avenida Central. Ou o jornal fala com a senhora que já faz parte desse universo ou com a que pretende ascender a ele – narrativa imagética cuja matéria-prima são os desejos iminentes de uma época.

O silenciamento pressuposto aqui podemos constatar pelo que não é enquadrado, pelo que não está disponível no campo visual não apenas das fotografias, mas do plano urbanístico que expressa um projeto de país excludente na República nascente. Os negros ou quase negros não estão aí. Estão nos morros e alta periferia, exilados desse horizonte provável.

A recorrência simbólica da Avenida Central gerou uma espécie de inflação imagética, um desvalor da informação visual dada a sua extrema replicação. Isso foi constatado na crônica “Clic! Clic! Photographo”, na coluna *Pall-Mall Rio*, de João do Rio, de 1917. Uma senhora, em plena Avenida Central, tenta driblar um fotógrafo posicionado com “o kodak” em punho. Ele pede licença, diz que a chapa é para uma revista ilustrada. Até que ela concorda e “ficou de pé, numa pose de ave real, sorrindo, enquanto o moço louro de novo kodakizava” (Rio apud Medeiros, 2010, p. 209). A madame em questão quer ser fotografada, a tentativa de fuga foi um mascaramento de suas intenções verdadeiras, um pequeno cabotinismo do cotidiano. Além disso, verifica-se a presença de personificação designando a condição de ação para um produto, no

caso, o nome de um dos maiores fabricantes no lugar de câmera fotográfica. Na sequência, o jornalista diagnóstica essa nova realidade também em outros pontos da cidade:

“[...] nós temos agora mais um exagero, mais uma doença nervosa: a da informação photographica, a da reportagem photographica, a do dilettantismo photographico, a da exibição photographica – a loucura photographica. [...] não ha propriamente pessoas notaveis cuja physionomia faça necessidade informativa dos jornaes porque não ha cara que não seja publicada”.

Entre os aspectos simbólicos do tempo que se encontram nesse trecho de metajornalismo, está o discurso cientificista a partir do uso da psicologia, ao categorizar a inflação de fotografias como uma “doença nervosa”. Ainda a repetição obsessiva do termo “photographica”, não usual em João do Rio. Esse recurso estilístico expressa, na materialidade do texto, a constância do gesto de clicar que está sendo localizado na sociedade. Por último, o jornalista aponta o resultado desse processo inflacionário, o desvalor das imagens clicadas, pois, conforme afirma, os rostos possíveis já foram enquadrados. Não apenas em fotografias, mas pela abundante produção em caricaturas, a exemplo de Raul Gomes (*Fon-Fon!*, 1912) e K. Lixto (*Fon-Fon!*, 1909) – sendo que neste último há uma irônica alusão ao Estado a determinar a vida cotidiana (Lima, 1963a, p. 157; Lima, 1963b, p. 441).

Nos objetos midiáticos aqui expostos podemos perceber a pressuposição do universo jornalístico, especialmente em relação aos seus textos não verbais em fotojornalismo. Tão importante quanto o que é focado é o não enquadrado, a ausência aparente que remete a vários textos no entorno de suas materialidades textuais. Desafios mais do que atuais nessa nova fase do jornalismo *on-line* que se inicia e onde tudo está por fazer. Mais uma vez, o motor do espaço midiático está na tecnologia. Resta o desafio de se equacionar, nessa nova ordem, o humano, demasiadamente humano.

SEMIÓTICA URBANA

Iuri Lotman dedicou o estudo “Símbolos de Petersburgo y Problemas de Semiótica Urbana” a

elementos que nos auxiliam na melhor compreensão do papel das urbes na construção de um determinado campo semiótico de uma sociedade. Ao iniciar o estudo, ele afirma que a cidade tem um papel especial no sistema de símbolos elaborado pela história da cultura.

O pensador elenca algumas categorias de cidade em relação ao seu campo semiótico. Entre elas, está a cidade excêntrica, localizada em um dos extremos do espaço cultural, seja à beira-mar ou na desembocadura de um rio. Nesse caso se estabelece a oposição entre natural e artificial. Nessa relação, a cidade foi fundada em oposição à natureza e está em luta com ela, o que leva a uma interpretação de duplo sentido: “*por uma parte, como victoria de la razón sobre los elementos y, por otra, como una perversión del orden natural*” (Lotman, 2004, p. 7).

Esse é o caso de São Petersburgo e do Rio de Janeiro. Com a grande diferença de que a ex-capital russa foi erguida do zero, onde houve uma tentativa de “*negación de las estructuras que historicamente lo habían formado*” (Lotman, 2004, p. 7), enquanto a brasileira passou por situação semelhante, de apagamento de uma história em nome de assumir toda uma semiosfera diferenciada europeia. A cidade é, para Lotman, um complexo mecanismo semiótico gerador de cultura e nela se “*mezclan un sinfín de textos y códigos heterogéneos, pertenecientes a diferentes lenguas y niveles*”. Para ele, tal poliglotismo semiótico a torna um campo de diferentes colisões de signos. Ao combinar códigos e textos distintos, como estilo e significação nacional e social, a cidade promove hibridizações, recodificações e traduções semióticas que a transformam em poderoso gerador de nova informação. Logo,

“[...] *las construcciones arquitectónicas, los rituales y ceremonias urbanos, el propio plan de la ciudad y miles de otros restos de épocas pasadas actúan como programas codificados que generan de nuevo permanentemente los textos del pasado histórico. La ciudad es un mecanismo que recrea una y otra vez su pasado* [...] [para sintetizar que] *Ciudad y cultura se oponen al tiempo*” (Lotman, 2003, pp. 11-12).

No caso do Rio de Janeiro do bota-abixo, a tentativa foi mesmo de apagamento de seu passa-

do de cidade lusitana, onde as classes subalternas e as elites viviam no mesmo espaço urbano. Nos casarios, os escravos viviam nos porões, e os senhores, nos andares superiores. Com o trabalho livre no centro da cidade, os operários residiam em cortiços ao lado das fábricas. Dessa maneira, observamos que a classe dominante sempre necessita de um lugar, a exemplo da Paris de Haussman, para ser o cenário de sua atuação social, sem a presença das classes subalternas, o que está muito bem expresso na matéria “Através da Avenida” ou nas iniciativas de higienização do centro carioca abordadas anteriormente. Conforme dissemos, a pauta principal daquela reportagem focaliza a *toilette* feminina tanto no texto verbal quanto no não verbal – as fotografias. Não precisamos de muita reflexão para perceber nesse enfoque a exclusão, absoluta, das mulheres pobres da periferia, que jamais poderiam vestir-se à semelhança das senhoras elegantes. Dessa maneira, atesta-se um texto da cultura – revista – atuando abertamente como uma semiosfera central – composta de vários valores codificados dentro da linguagem restrita da classe dominante – que não admite a injunção da periferia em seu núcleo.

É interessante observarmos a ocorrência de uma instabilidade de semiosferas na constituição desse campo semiótico tradutor dos valores da elite. Se no contexto da cidade do Rio de Janeiro o desfile elegante de roupas caras constitui a delimitação de uma semiosfera central que não aceita ser invadida pela periferia, por outro lado, verificamos que esse vestuário, em sua maioria, advém das casas de moda francesas. Nesse sentido, se o *glamour* da classe dominante brasileira configura uma semiosfera central dentro de seu contexto, ao mesmo tempo, acusa a condição periférica – mas não de fronteira – dessa mesma semiosfera em relação à cultura da França.

Isso encontra similaridade com o que Lotman cita como outra particularidade do espaço petersburguês, seu “*carácter teatral*”. O estilo único de seus grandes conjuntos arquitetônicos, ao contrário das cidades mais antigas onde os grupos de edifícios são de épocas diferentes, cria uma sensação de cenário, de decoração. A mesma sensação com o centro do Rio de Janeiro completamente novo com os imponentes palácios ou altos edifícios foi despertada em jornalistas e

arquitetos. Tal perspectiva está presente de maneira importante, por exemplo, no romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto, no qual o personagem não consegue se reconhecer na própria cidade em que foi criado.

A “*teatralidad del espacio*” de São Petersburgo era manifesta em sua divisão de cenários e bastidores, continua Lotman. Instaurou-se a permanente presença do espectador, mas “*advertir su presencia significaría infringir las reglas del juego*” (Lotman, 1994, p. 15). Por extensão, os bastidores eram os espaços invisíveis, que não existem quando se olha o palco. No caso carioca, o palco era a Avenida Central, sempre convidativa ao olhar. Já os morros e os subúrbios eram o exílio interno da urbe aos pobres, condenados à invisibilidade proporcionada pela modernidade – mas

presentes tanto nas produções de Lima Barreto quanto nas de João do Rio.

Lotman (1996, p. 18) explicita bem a dualidade do espaço do palco/espço dos bastidores:

“*Existió el Petersburgo de Pedro el Grande, que cumple con el papel de divinidad protectora de ‘su’ Petersburgo, deus implicitus invisiblemente presente en su creación, y el Petersburgo del funcionario, del pobre, del marginado. Estas figuras tenían ‘sus’ calles, barrios y espacios propios, aunque en circunstancias extraordinarias podían encontrarse*”.

Em suma, o lugar preferencial do ator João do Rio era a Avenida Central, e o de Lima Barreto, o subúrbio.

BIBLIOGRAFIA

- “ATRAVÉS da Avenida”, in *Leitura para Todos – Magazine Mensal Ilustrado*, Rio de Janeiro, anno 2, nº 16, junho de 1907, pp. 1-11.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman Tropical – a Renovação Urbana na Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.
- “COMO Se Faz um Jornal de Hoje”, in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1907, p. 2.
- DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, Jornalista: Crônicas*. V. 2. São Paulo, Edusp, 2006.
- “INSTANTANEOS da Avenida”, in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de março de 1910, p. 1.
- LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. V. 2. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963a.
- _____. *História da Caricatura no Brasil*. V. 4. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963b.
- LOTMAN, Iuri. *La Semiosfera*. Madrid, Ediciones Cátedra, 1996.
- _____. “Símbolos de Petersburgo y Problemas de Semiótica Urbana”, in *Entretextos*, nº 4, noviembre 2004. Disponível em: www.ugr.es/~mcaceres/Entretextos/entre4/petersburgo.htm. Acessado em: 28/3/07.
- MEDEIROS, Gutemberg Araújo de. “Da Queda do Muro da Vida Privada e da Violência no Jornalismo Moderno”, in *Revista USP*, nº 93, março-abril-maio, 2012, pp. 200-10.
- RIO, João do. *Pall-Mall Rio: o Inverno Mundano de 1916*. Rio de Janeiro, Editores Villas-Boas, 1917.
- ROMERO, José Luis. *Latinoamérica: las Ciudades y las Ideas*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1976.
- VERÍSSIMO, José. “A Imprensa”, in *Livro do Quarto Centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1907, pp. 39-75, volume IV.